

APRESENTANDO O WReC: UMA ENTREVISTA
COM NEIL LAZARUS, SHARAE DECKARD E
MICHAEL NIBLETT

INTRODUCING THE WReC: AN INTERVIEW WITH
NEIL LAZARUS, SHARAE DECKARD E MICHAEL
NIBLETT

Thomas Waller

Resumo: Esta entrevista aborda a teoria da literatura-mundial do Coletivo de Pesquisa de Warwick (WReC), definida como ‘a literatura do sistema-mundo capitalista’, por meio duma discussão com três membros do grupo: Neil Lazarus, Sharae Deckard e Michael Niblett. Ao longo da entrevista, abrangemos a conjuntura disciplinar que deu origem à debate crescente da literatura mundial e que estimulou o WReC a juntar-se e a formular a sua teoria; os quadros conceptuais principais que informam as suas leituras, como a análise do sistema-mundo e ‘a lei do desenvolvimento desigual e combinado’ de Leon Trotsky; a sua engajamento com os críticos brasileiros Roberto Schwarz e Michael Löwy; e o papel da tradução na sua concepção materialista da produção literária global. O trabalho do WReC é uma das mais sofisticadas tentativas nos últimos anos de mobilizar a tradição marxista na crítica literária como meio de enfrentar os contornos socioculturais cambiantes do mundo contemporâneo. Esta entrevista procura clarificar as proposições centrais do coletivo assim como problematizar algumas áreas de contenção.

Palavras-chave: Literatura mundial, WReC, análise do sistema-mundo, marxismo.

Abstract: This interview discusses the Warwick Research Collective's (WReC) theory of world-literature, defined as 'the literature of the capitalist world-system', through a conversation with three members of the group: Neil Lazarus, Sharae Deckard and Michael Niblett. Over the course of the interview, we cover the disciplinary conjuncture that gave rise to the growing debate over world literature and that stimulated the WReC to get together and formulate their theory; the main conceptual frameworks that inform their readings, such as world-systems analysis and Leon Trotsky's 'law of uneven and combined development'; their engagement with the Brazilian critics Roberto Schwarz and Michael Löwy; and the role of translation in their materialist conception of global literary production. The WReC's work is one of the most sophisticated attempts in recent years to carry mobilise the Marxist tradition in literary criticism as a means of addressing the changing socio-cultural contours of the contemporary world. This interview seeks to clarify the collective's main propositions while at the same time problematising some areas of contention.

Keywords: World literature, WReC, world-systems analysis, Marxism.

Apresentação

A presente entrevista foi realizada em três partes: a primeira, com Michael Niblett no dia 11 de setembro de 2019, na sua oficina no Departamento de Inglês e Estudos Literários Comparados na Universidade de Warwick; a segunda, com Neil Lazarus no dia 18 de setembro de 2019, enquanto tomávamos um café no terraço da Biblioteca Britânica em Londres; e finalmente, na forma duma correspondência por e-mail com Sharae Deckard, no fim do mês de outubro no mesmo ano. Os entrevistados foram apresentados com os mesmos temas de debate, e as conversas individuais foram compiladas em seguida num manuscrito único, com todo cuidado tomado para manter o caráter dialógico da discussão. Todos os entrevistados participaram neste processo de compilação, e por isso se pode falar dum trabalho editorial coletivo.

Neil Lazarus é Professor Emérito no Departamento de Inglês e Estudos Literários Comparados na Universidade de Warwick. Um pensador destacado nos estudos literários pós-coloniais, Neil também tem feito uma contribuição fundamental aos debates sobre a literatura mundial, especialmente através do seu trabalho com o Warwick Research Collective (WReC). Os seus livros anteriores incluem *The Postcolonial Unconscious* (2011) e *Nationalism and Cul-*

tural Practice in the Postcolonial World (1999). Uma monografia recentemente completada, *Into Our Labours: Work and Literary Form in World-Literature*, será publicada em breve. <https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/people/lazarusprofneil/>

Sharae Deckard é docente de Literatura Mundial na University College de Dublin. É autora de *Paradise Discourse, Imperialism and Globalization* (2010). Com Rashmi Varma, é co-editora de *Marxism, Postcolonial Theory and the Future of Critique: Critical Engagements with Benita Parry* (2019), e com Stephen Shapiro, é co-editora de *World Literature, Neoliberalism, and the Culture of Discontent* (2019). Ademais, editou edições especiais dos jornais *Ariel*, *Journal of World-Systems Research*, *Green Letters* e *Journal of Postcolonial Writing*. A sua pesquisa aborda a literatura pós-colonial e mundial da perspectiva da análise sistema-mundo e a ecologia-mundo. <https://people.ucd.ie/sharae.deckard>

Michael Niblett é Professor Associado de Inglês e Estudos Literários Comparados na Universidade de Warwick. Ele é autor de *The Caribbean Novel since 1945* (2012) e, mais recentemente, *World Literature and Ecology: The Aesthetics of Commodity Frontiers, 1890-1950* (2020). Ademais, é co-editor de *Perspectives on the 'Other America': Comparative Approaches to Caribbean and Latin American Culture* (2009)

e *The Caribbean: Aesthetics, World-Ecology, Politics* (2016). A sua pesquisa está centrada na literatura e cultura do Caribe, e na literatura mundial e historia environmental. <https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/people/niblettmike/>

TW: Em jeito de introdução, podemos começar por discutir a natureza coletiva do projeto do WReC? Qual foi o estímulo inicial ou ‘chamada às armas’ que motivou os membros do grupo a organizar e a intervir no debate sobre literatura mundial?

NL: O grupo surgiu por um desejo de juntar nossos interesses de pesquisa, que se definiam tanto pelo que tínhamos em comum quanto através daquilo em que diferíamos. Todos nós nos sentimos excêntricos de alguma maneira, e definidos pelo nosso posicionamento periférico no Departamento de Inglês e Estudos Literários Comparados na Universidade de Warwick. Mas como um grupo de pessoas que foram amigos e aliados, vínhamos de especialidades disciplinares ou sub-disciplinares muito diferentes. No meu caso, recebi formação nos estudos africanos e nas literaturas pós-coloniais; no caso de Benita Parry, seu trabalho anterior foi na história mas tinha desenvolvido uma grande visão dissidente na teoria pós-colonial; no caso de Sharae, foi o seu doutorado em Warwick com a tremenda gama de pesquisa que tem; Nicholas Lawrence e Stephen Shapiro eram america-

nistas mas com um profundo conhecimento da tradição Marx-Foucault, no caso de Steve, e da escola de Frankfurt como um todo, no de Nick; Graeme Macdonald interessa-se pela Europa periférica; e Rashmi Varma e Pablo Mukherjee trabalham nas literaturas do sul da Ásia. O que queríamos fazer era criar um fórum em que poderíamos discutir a crítica literária marxista dando por adquiridas certas suposições. Quando se fala como um materialista no âmbito mais alargado dos estudos literários se discutem sempre dos princípios fundamentais. Todos sempre perguntam ‘qual é a vantagem de uma crítica materialista?’ Nós queríamos tomar esse dado por adquirido e ir mais longe.

SD: Um momento fundamental para nós foi a apresentação de Benita Parry num seminário departamental em 2004 chamada “Uma Estética do Terceiro Mundo?”. Nessa apresentação, ela juntou pela primeira vez a teoria do desenvolvimento combinado e desigual de Leon Trotsky com a crítica das ‘modernidades alternativas’ de Harry Harootunian (em que ele enfatiza as características ‘coevas’ das sociedades periféricas, que compartilham uma referência comum fornecida pelo capital global) e com o trabalho de Fredric Jameson sobre a formulação de Ernst Bloch ‘*Gleichzeitigkeit des Ungleichzeitigen*’, a fim de explicar como a modernidade capitalista é singular

mas governada pela “desigualdade”: a coexistência historicamente determinada “das realidades de momentos radicalmente diferentes na história — artesanatos ao lado dos grandes cartéis, campos e camponesas com as fábricas de Krupp ou a usina de Ford ao fundo” (JAMESON, 1995, p. 307). Ela também nos levou a considerar as implicações da ênfase de Franco Moretti na desigualdade do ‘sistema-mundo literário’ no seu estimulante ensaio “*Conjectures on World Literature*”, em relação ao desenvolvimento combinado e desigual. A discussão animada que se seguiu à apresentação — que incluía um grande debate sobre a utilidade do vocabulário da solidariedade do ‘Terceiro Mundo’ vs. a utilidade do vocabulário da teoria do sistema-mundo à qual Moretti aludiu mas não desenvolveu, e ademais uma exploração da ideia da ‘estética periférica’ (em que ‘periférica’ designado não um juízo estético de valor, mas a relação específica das sociedades com os centros socioeconômicos e políticos do sistema-mundo capitalista) — nos inspirou a iniciar um grupo de leitura, trabalhando com as leituras já mencionadas, assim como uma lista extensa da crítica dos domínios da literatura comparada, literatura mundial, estudos pós-coloniais, estudos de tradução, estudos americanos hemisféricos, estudos latino americanos, e assim por diante, toda do qual estava brigando com os desafios metodológicos da

literatura ‘mundial’ numa variedade de perspectivas disciplinários.

Naquela altura, nós nos sentíamos frustrados pelas formulações dominantes da literatura mundial que pareciam ganhar terreno, inspiradas por algumas das iterações mais materialistas (como a de Moretti e Casanova) que tomaram o capitalismo como o seu horizonte; mas estávamos igualmente frustrados em relação às limitações das nossas várias disciplinas, com os seus focos exclusivos em uma área, nação ou uma categoria como colônia. A tríade de termos centro-periferia-semiperiferia parecia-nos particularmente útil para sugerir a forma de uma crítica literário-mundial que poderia começar a transpor barreiras disciplinares e nos permite pensar nas homologias — ou ‘semelhanças das não-semelhanças’ — entre literaturas produzidas em situações semiperiféricas diferentes — não somente as dos pós-colônias, interpretando-as não somente em termos de uma relação binária entre metrópole imperial e colônia, mas também pensando nas situações periféricas na Europa, ou nos processos do desenvolvimento combinado e desigual operando a diversas escalas para produzir interiores periferalizados mesmo dentro dos estados e cidades do centro. Lembro que a secção sobre Faulkner em *The World Republic of Letters* de Pascale Casanova foi especialmente esclarecedor para nós

no que toca a este último ponto. Porque as fronteiras logísticas de centro-periferia-semiperiferia operam em escalas múltiplas e aninhadas — cidades, regiões, nações, macro-regiões —, elas podem ser registradas em qualquer ou todas dessas escalas em textos literários e produção cultural. Em vez de reproduzir os binários cansados de metrópole vs. colônia, ocidente vs. o resto, ou norte vs. sul que dominaram os estudos pós-coloniais, nós estávamos interessados em uma crítica literário-mundial que pode permitir uma compreensão *multi-escalar* do lugar da literatura no sistema-mundo como sendo determinado por relações *poligonais* — não bilaterais — sobre hierarquias múltiplas de interseção.

Significativamente, começamos também a ler romances em conjunto como um grupo, aqueles que nos pareciam mais exemplares ou que haviam sido usados pelos críticos que consideramos mais interessantes — então lemos Halldor Laxness e Knut Hamsun e Tayeb Salih, lemos Roberto Schwarz com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Crime e Castigo* de Dostoievski; Antonio Candido com *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida; Kojin Karatani e Harry Harootunian com *Naomi* de Jun'ichirō Tanizaki, e assim por diante. Este processo da leitura coletiva e discussão foi muito estimulante — a emoção de compartilhar o conhecimento através

de fronteiras disciplinares, de trabalhar em conjunto como um grupo. O ensaio de Moretti apresenta a noção de abordar a literatura em termos de ‘árvores’ e ‘ondas’. Para nós, a ‘onda’ indicava o potencial para ler não só por diferença e particularidade, mas para pensar nas similaridades — semelhanças e analogias — desses tipos de particularidade através de situações diferentes, para pensar nas especificidades ideográficas de situações particulares em relação às tendências nomotéticas do capitalismo como um todo, para detectar não só ‘figuras no carpete’, mas como essas relacionaram com a carpete mais ampla. Ao mesmo tempo, nós sentimos que a proposta de Moretti sobre a leitura distante da morfologia das formas literárias parecia excessivamente polêmica na sua rejeição total da leitura atenta dos textos, e a sua concepção sobre a circulação das formas literárias emprestava-se a ser redutiva e unidirecional. Foi importante para nós fazer uma análise detalhada dos textos em todas as nossas especialidades diferentes, e ainda dar importância às questões da forma, estética e estilo, mesmo que muitas vezes lêsemos os textos em tradução, e tivéssemos de acatar as interpretações dos críticos nacionais vindos de tradições linguísticas particulares, e também o labor da tradução.

TW: Neil, em *The Cambridge Companion to Postcolonial Literary Studies* (2004), apresenta uma histori-

cização magnífica dos estudos pós-coloniais, em que detalha como o declínio dos ideais socialistas revolucionárias e dos movimentos de libertação no mundo pós-colonial deu origem ao tipo de anti-nacionalismo e anti-marxismo que se tornaria tão prevalente na disposição teórica do campo. Se fizéssemos uma historicização similar do debate sobre literatura mundial, como seria?

NL: Esta é uma boa pergunta, e provavelmente uma à qual não poderei responder com tanta autoridade como em relação ao debate pós-colonial. Tenho a impressão que o impulso para rejeitar o eurocentrismo, e que motivou os estudos pós-coloniais no final da década de 1980, foi sentido também noutros campos. Se pensarmos nas posturas críticas nas áreas dos estudos latinos ou dos estudos afro-americanos, por exemplo, sempre existiu este impulso de rejeitar o eurocentrismo, e certos comparatistas sentiram este impulso também. Veja-se o trabalho de acadêmicos como Sarah Lawall, ou o Relatório Bernheimer de 1993: se pode ver que muita gente solicita um repensamento radical dos modelos de comparativismo então disponível. A minha impressão é que a literatura comparada em geral não pôde responder a esta solicitação porque é, quase por definição, linguisticamente amarrada. Em termos mais peremptórios, diria que há um fetiche pela linguagem na litera-

tura comparada. Mas também parece que a literatura comparada quer abrir o cânone em vez de pensar profundamente sobre metodologia comparativista. Acho que é por isso que o artigo de Franco Moretti, *'Conjectures on World Literature'*, conseguia — como se diz? — 'lançar uma pedra no charco'.

Moretti desenvolve um par de pontos importantes: o primeiro tem que ver com o significado dos estudos coletivos, e o segundo é metodológico. Seu argumento sobre um sistema literário que é 'singular e desigual' é metodológico, por exemplo, e acho que a literatura comparada não esteve à altura de enfrentar este desafio. Acho que falhou por medo de desestabilizar a si mesma. Muito do que vem das áreas mais avançadas dos estudos literários comparados, particularmente nos Estados Unidos, como o trabalho de Gayatri Spivak e Emily Apter, é marcado por uma inclinação pós-estruturalista. O apelo de Moretti não era compatível com esse enquadramento. Moretti apelou aos acadêmicos progressistas para que estes respondessem à chamada, e estes não o fizeram, por várias razões. Houve um menosprezo de certos tipos de inquérito, especialmente nos Estados Unidos, onde as posições dominantes são, por um lado, o tipo de liberalismo de David Damrosch — que é elegante e fácil ao mesmo tempo — e, por outro, uma reformulação sofisticada de argumentos sobre incomensurabilidade.

de. Esta última pode ser encontrada no trabalho de Apter, Spivak e Pheng Cheah, por exemplo. Este grupo de acadêmicos não trata o que nós consideramos como as ‘grandes’ questões da literatura mundial.

SD: James Graham, Michael Niblett e eu escrevemos em uma edição especial do *Journal of Postcolonial Writing* chamada “Estudos pós-coloniais e a literatura mundial” sobre nossa impressão que a reaparecimento da ‘literatura mundial’ enquanto uma categoria desde o ano 2000 pode ser entendido como ocorrendo em paralelo à ascendência do capitalismo neoliberal, tal como o seu primeiro aparecimento na visão cosmopolita de *Weltliteratur* de Goethe, e em Marx e Engels com a antecipação de uma literatura que suplanta ‘a estreiteza nacional’ e que acompanhou a expansão do mercado mundial. A literatura comparada e os estudos literários pós-coloniais pareciam atravessar nesta altura uma crise epistemológica que se revelava no seu falhanço ou incapacidade de abordar as mudanças históricas no sistema-mundo que são características do capitalismo tardio (e da crise potencial do capitalismo que se tornou mais visível com a crise financeira global), e as formas através das quais estas mudanças poderiam ser mediadas pela produção literário. No entanto, as formas encontradas pelas disciplinas para se reconfigurarem de modo a lidar com essas mudanças foram ou modos

liberais-humanistas de ‘mundializar’ a crítica literária com o intuito de ver a literatura mundial como o cânone ampliado, ou definições da literatura mundial como obras transcendentais obtendo reconhecimento universal e circulação global e permitindo um cosmopolitismo humanista, ou através de uma defesa arraigada das fronteiras linguísticas das disciplinas e uma negação das abordagens ‘homogeneizantes’ que insistem na totalidade de uma modernidade singular capitalista em favor de abordagens mais pós-estruturalistas. E então, por outro lado, havia articulações mais materialistas — a análise bourdieusiana do campo literário-mundial e condições do mercado de Casanova, o argumento de Nicholas Brown que a ‘divisão internacional do trabalho’ deveria servir como a base da comparação, o ‘horizonte político’ de toda a literatura, e assim por diante.

TW: Para quem se depara com a teoria da literatura mundial do WReC pela primeira vez, o que se destaca é uma diferença de estilo. Em lugar de escrever ‘literatura mundial’ como duas palavras separadas, como é comum fazer-se, o WReC elege hifenizá-las. Porquê?

MN: Essa deriva da teoria do sistema-mundo: dessa ideia de pensar o capitalismo como um sistema-mundo e, por extensão, de pensar a literatura mundial, não como um cânone de obras-primas ou

como tudo o que já foi escrito, mas como um sistema literário-mundial, por analogia com a ideia da economia-mundial de Immanuel Wallerstein. O assumir do hífen procura enfatizar a sistematicidade da literatura que se produz no sistema-mundo capitalista, ou que tem o sistema-mundo capitalista como o seu horizonte interpretativo.

SD: No entanto, em relação ao hífen, discutíamos se deveria designar a consciência crítica dos textos. A medida em que qualquer texto individual refere conscientemente esse sistema-mundo como a sua totalidade operativa, ou critica conscientemente o capitalismo, é, claro, variável. (No meu trabalho, por exemplo, designo ‘romances do sistema-mundo’ esses que conscientemente procuram uma forma ou estrutura para representar relações sistêmicas mais alargadas, e, claro está, podemos com certeza mencionar outros gêneros aqui também — seja a poesia, a televisão ou a história em quadrinhos — na medida em que a sua forma conscientemente alude ao sistema mais alargado.) Alguns textos serão inteiramente locais e regionais nas suas totalidades operativas, e o sistema-mundo mais grande só será visível na mediação estética das influências externas sobre o local, ou no que Roberto Schwarz chamaria as ‘feridas’ e ‘singularidades nacionais’ que poderiam aparecer só no inconsciente político do texto. Noutros textos, essas

feridas fornecerão o material para inovação estética e crítica. Mas todos poderemos concordar com o fato que toda a literatura é literatura do sistema-mundo, e assim 'literatura-mundial'.

TW: Juntamente com a teoria do sistema-mundo, outro quadro central na monografia do WReC (2015) é a lei do desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky...

MN: Uma possível abordagem à teoria de Trotsky passa por usá-lo para pensar nas maneiras como o capitalismo aspira formas e relações sociais não, ou apenas parcialmente capitalizadas, para dentro da sua órbita ou campo de força. Essas formações não-capitalizadas podem persistir dentro do desenvolvimento capitalista (e às vezes as elites capitalistas podem mesmo conservá-las: conservando estruturas sociais arcaicas no contexto colonial, por exemplo, de modo a facilitar a dominação social). Tais formações são completamente transformadas por sua incorporação ao sistema-mundo, e não são totalmente capitalizadas porque o capitalismo beneficia de — de fato, precisa de — esferas não-capitalizadas para que (de um modo geral) mantenha baixos os custos de produção e reproduz-se. É precisamente aqui que as áreas da resistência e crítica podem emergir, porque há formas altamente capitalizadas e tecnologicamente avançadas que se deparam com relações sociais

muito diferentes. Essa distância abre-se um espaço para criticar o que acontece.

NL: Mas também há tensões entre a teoria do desenvolvimento combinado e desigual e a teoria do sistema-mundo. Foi Benita Parry que nos levou para a teoria de Trotsky, o qual, por sua vez, nos conduziu a Michael Löwy e a essa ideia do ‘irrealismo crítico’, e logo para Walter Benjamin e outros pensadores nessa linha. Diria que este é engajado politicamente e filosoficamente. Por outro lado, nos levou a ler Immanuel Wallerstein e a teoria do sistema-mundo por Stephen Shapiro, e o argumento de Steve é muito mais econômico, não é? As alusões às ondas e fronteiras vêm daqui. Mas havia discordâncias fantásticas sobre como juntar esses dois modelos. Se poderia fazer trabalho em qualquer lugar ao redor ou entre esses quadros, ou talvez sobre coisas completamente novas.

SD: A distinção entre a periferia e a semiperiferia não foi tal desenvolvida em nosso livro como deveria ser. Inicialmente, introduzimos a hierarquia centro/periferia através da convocação de Franco Moretti para a crítica da ‘literatura do sistema-mundo capitalista’, mas como Moretti, não articulamos tão explicitamente quanto o poderíamos ter feito porque a tríade heurística centro-periferia-semiperiferia (emprestada pela teoria do sistema-mundo) deve ser pensado juntamente com a formulação “desenvolvi-

mento combinado e desigual” proposto por Trotsky, para compreender a semiperiferia como uma região privilegiada por aí se irem registrando as formações socioculturais da cada fase no sistema-mundo sobre o *longue durée* do capitalismo. Christopher Chase-Dunn é talvez mais útil aqui que Wallerstein — no seu emblemático ensaio “*Comparing World-Systems: Towards a Theory of Semiperipheral Development*”, ele discute, longamente, a relevância de Trotsky e sugere que, apesar da utilidade do conceito do desenvolvimento combinado e desigual, a perspectiva adicional da teoria do sistema-mundo com a sua ênfase na competição interestatal e o seu relato temporal dos regimes da acumulação capitalista ao longo de cinco séculos é necessária de modo a representar mais completamente as relações estruturais hierárquicas entre sociedades mais e menos (ou ‘sub-’) desenvolvidas.

Ao invés da abordagem mais estatista de Wallerstein, Chase-Dunn argumenta que a semiperiferia não deveria ser concebido sobretudo como uma fase ou estágio ou desenvolvimento da mobilidade em convergência com o centro, mas como uma relação entre o centro e a periferia, uma zona onde há actividades mediadoras e transformativas que mistura as formas da organização encontradas no centro e na periferia num desenvolvimento mais combinado. Porque a acção social dos centros é demasiado incomensurável

com a das periferias, o sistema-mundo precisa de zonas de calibração que podem mediar e “traduzir” as economias da cultura e dos produtos de uma esfera para a outra. Como o espaço do “transístor” onde dois segmentos diferentes de uma cadeia de produtos se tornam articulados e recebem a sua primeira tarifação, a semiperiferia é a zona de contato que torna possível o processo em que o centro e a periferia transmitem valor de um para o outro, especialmente já que ali as zonas carentes rurais dos interiores se congregam com os interesses laborais do centro, um para mercantilizar o seu trabalho e o outro para financiar e assegurar os aparelhos materiais que consomem esta força de trabalho. Para Stephen Shapiro e aqueles que acham Chase-Dunn convincente, por conseguinte, a semiperiferia é a zona relacional de transculturação e transvaloração, e portanto funciona como uma região privilegiada porque registra as formações socioculturais da cada fase no sistema-mundo. Sendo a zona onde a economia política recebe a sua maior inflexão cultural e amplificação, as semiperiferias são onde a experiência de trauma para gente periférica e o empreendedorismo especulativo do centro colidem para produzir novas formas de representação, especialmente porque recebem as crenças populares e orais da periferia, e a matéria impressa e as noções, objetos e atuações institucionalmente consagradas do centro.

Ao mesmo tempo, o livro de Michael Löwy, *The Politics of Combined and Uneven Development*, enfatiza a significância da teoria do desenvolvimento combinado e desigual como sendo inseparável da ideia Trotskista de ‘revolução permanente’, argumentando que as rupturas que se manifestam quando os elementos “avançados” e “atrasados” se fundem, criam novas possibilidades em que os oprimidos e os explorados podem mudar o mundo. A significância da semiperiferia como uma incubadora da resistência política, em que a inovação sociocultural desempenha um papel considerável na representação e constituição de novas formas de consciência anticapitalista, é um aspecto que não desenvolvemos tanto como podíamos no livro, e continua a ser uma questão que muito de nós está investigando no nosso trabalho atual.

TW: Então, ao se basear na teoria do sistema-mundo, o WReC segue o exemplo de outros teóricos da literatura mundial como Franco Moretti e Pascale Casanova, que também exploram a analogia entre os ciclos econômicos e a circulação dos textos literários. Embora, recentemente, Timothy Brennan tenha argumentado que essa ‘virada sociológica’ nos estudos literários-mundiais tem ignorado as contestações a Wallerstein vindas da área da sociologia (2019). Andre Gunder Frank e Janet Abu-Lughod, por exemplo, repreenderam Wallerstein por subestimar a função

que os sistemas sociais não-europeus desempenharam na ascensão do sistema-mundial moderno. Como responde o WReC às acusações de eurocentrismo lançadas contra Wallerstein e a teoria do sistema-mundo mais geralmente?

NL: Acho que, para fazer face aos desenvolvimentos literários globais desde cerca de 1850, a categoria do sistema-mundo conforme definida por Wallerstein é absolutamente necessária. Os acadêmicos dentro dos estudos literários que acusam Wallerstein de ser eurocêntrico, ou que poderiam argumentar que a análise do WReC é eurocêntrica, não entendem de que maneira utilizamos essa categoria. Quando leio o trabalho de alguém como Isabel Hofmeyr sobre o Oceano Índico, por exemplo, fico atônito com o fato de que utilize a categoria de um sistema-mundo mas recuse a ideia de um sistema-mundo capitalista, preferindo falar de sistemas-mundo múltiplos que nunca são unificados. O 'sistema-mundo' evocado pelos investigadores que trabalham na área do Oceano Índico é enorme: abrange a grande faixa terrestre e marítima de Surabaia e Jacarta no leste, a costa do sul da Ásia de Chennai a Karachi, o Mar Arábico até o Golfo de Omã e o Golfo de Áden, e o litoral da África Oriental de Djibouti no norte, por Mogadíscio, Mombaça, Dar es Salaam e Zanzibar, até Beira, Maputo e Durban no sul, incluindo Madagáscar e Maurício. Os

investigadores da teoria crítica dizem-nos que este vasto domínio é ou foi um 'mundo' — um universo social demarcada mas relativamente auto-estável cujo funcionamento é mais ou menos integrado. Eles têm plena consciência de que há divisões, diferenças, padrões de desigualdade, dentro de e entre as várias seções deste sistema-mundo hemisférico, mas não pensam que é impossível especificar diferenças sem deixar de se referirem ao 'mundo do Oceano Índico' *como um mundo* de forma cabal. Só quando 'o sistema-mundo capitalista' entra em cena, cujo ineditismo histórico consiste precisamente no fato de que é um sistema-mundo que é também, unicamente e pela primeira vez, um sistema *global*, eles começam a sentir algum cepticismo. De repente, parece que quando se usa a palavra 'mundo' e se fala sobre este mundo como um 'sistema', se está sendo reducionista e não se tem a capacidade de compreender diferença, heterogeneidade, articulação, coevalidade, desigualdade. Precisáramos de mais tempo para discutir aqui a oposição entre esses militantes e selectivos particularistas e os teóricos do sistema-mundo. Basta dizer que se o que está em causa é, claramente, metodológico, também poderá igualmente não deixar de ser ideológico.

MN: Entender o capitalismo como, tendencialmente, um sistema-mundo desde o princípio, é também entender a sua extensão global como um modo

de produção não em termos de ‘ocidentalização’ (a modernidade capitalista não ‘ocorre primeiro’ no ‘ocidente’ e se difunde para fora). Antes, significa compreender o capitalismo como uma lógica social dispersa, uma lógica definida por desigualdade. Ou seja, a transição para o capitalismo que ocorre, por exemplo, na Holanda ou na Inglaterra durante os séculos quinze e dezesseis já é sistêmica-mundial: esta transição é imbricada fundamentalmente na transformação das zonas que se configuram como as periferias desses centros. Tomemos o exemplo do Caribe, que é absolutamente central à emergência e desenvolvimento da modernidade capitalista. De fato, o desenvolvimento das plantações na região — um empreendimento avançado, agroindustrial exibindo características técnicas que precederam a revolução industrial — pode ser visto como uma instância daquilo a que Sidney Mintz chamou ‘a modernidade precoce’. No que respeita à questão de múltiplos sistemas-mundo à emergência do capitalismo: havia certamente múltiplos sistemas-mundo preexistentes, mas quando o capitalismo vai surgindo gradualmente há uma ruptura decisiva que transforma esses outros sistemas-mundo de tal modo que os torna irrecuperáveis. São sugados para uma nova forma de economia fundada na extração de mais-valias, na produtividade do trabalho ao invés da produtividade da terra. Se falamos sobre o sistema-mundo mediter-

rânico, por exemplo, então os capitais financeiros e mercantis são muito desenvolvidos. Mas quando este sistema-mundo é sugado pela força gravitacional de um sistema-mundo capitalista emergente, essas formas do capital transfiguram-se completamente.

NL: Pense no criticismo sobre *Things Fall Apart* de Chinua Achebe. Houve muito trabalho nas culturas Ibo, na especificidade da localização do romance, nas formas de masculinidade, no colonialismo e assim por diante. Mas não é possível também argumentar em favor de uma leitura 'abrangente' que incorporasse tudo isto num quadro metodológico mais amplo? A masculinidade de Okonkwo, que se descreve como tendo consequências trágicas, é caracterológica, obviamente, mas não se pode ler também como uma tentativa de representar uma reação contra algo *mudando*? Algo mudando a longa distância, que não se compreende em Umuofia, a aldeia local que surge texto. Talvez Achebe ele mesmo não tenha refletido sobre isto. Então, o que é que está a mudar? Bom, a escravidão vem ocorrendo desde há um par de séculos. Por outras palavras, há pistas suficientes para incorporar uma análise sistêmico-mundo de forma a descrever algo muito local e muito particular.

SD: Como um ponto adicional, gostaria de acrescentar que, do mesmo modo que o nosso pensamento se tem desenvolvido desde a publicação do livro,

muitos entre nós ampliaram a sua compreensão do sistema-mundo ao incorporar a formulação da ‘ecologia-mundo’, de Jason W. Moore, ou as contribuições das feministas materialistas e teóricas da reprodução social como Silvia Federici. Isto é, compreendemos o capitalismo não só como uma economia-mundo mas também como uma ecologia-mundo, constituída por regimes diferentes de relações socioecológicas de *longue durée*, cujo desenvolvimento é dependente não só da exploração da mais-valia no trabalho assalariado económico, mas através da apropriação do trabalho não pago. Na célebre frase de Maria Mies, somos levados a pensar na apropriação conjunta de “mulheres, natureza e colónias”, não só em termos da representação discursiva (tal como a equação ideológica de mulheres e natureza através de binários como imanência vs. transcendência etc.) ou o uso do sexismo e racismo como estratégias para disciplinar e manter as divisões e hierarquias sociais subjacentes à produção da força de trabalho ‘barata’, mas também as condições materiais da apropriação do trabalho reprodutiva sem pagamento, trabalho sob coacção e atropelando as liberdades, e os superávits ecológicos da natureza. A leitura que Neil faz sobre a patriarquia e o colonialismo em *Things Fall Apart* pode servir de exemplo de abordagem que usa estes três pontos como coordenadas.

TW: E qual é a relação entre a forma literária e o sistema-mundo em mudança a que Neil alude? Roberto Schwarz, por exemplo, diz que ‘formas são o abstrato de relações sociais determinadas’ (2000, p. 51). Sei que Schwarz ocupa um lugar central na teoria do WReC...

MN: Schwarz é uma figura-chave para pensar o desenvolvimento combinado e desigual em relação à Literatura Mundial. Em primeiro lugar, a sua leitura de Machado de Assis é muito importante. É uma leitura paradigmática que permite compreender como as pressões do desenvolvimento combinado e desigual se podem fazer sentir numa obra literária. É por isso que Schwarz acaba por ser tão importante, porque além do exemplo específico que fornece — que é tão brilhante! — insiste na ideia das relações sociais como uma força interna à forma. No seu exemplo, está examinando as pressões que derivam da posição dependente do Brasil na economia-mundo. Não se trata apenas de argumentar que ditas pressões poderiam estar registradas algures no conteúdo da narrativa, ou ao nível da imagem ou do tema. Mas que essas pressões são arrastadas para a forma do próprio trabalho, e ali transformadas. Acho que é por isso que a sua leitura de Machado é tão brilhante. Mostra como a posição dependente do Brasil no sistema-mundo acaba por ser traduzida na lógica específica da forma literária.

TW: Em um certo sentido, a teoria da literatura-mundial do WReC é como ‘Machado à escala mundial’?

MN: A dinâmica do desenvolvimento combinado e desigual desenrola-se em toda parte do sistema-mundo, seja no Brasil, no Reino Unido ou na Malásia, em qualquer parte. Acho que esta dinâmica é muito mais óbvia e explícita nas regiões que têm sido submetidas à penetração colonial e à sua violência, à subjugação imperialista e assim por diante. É por isso que Schwarz é tão útil e a sua leitura é tão paradigmática. Está lidando com um escritor que registra os efeitos da dependência económica, os efeitos colaterais de um sistema social, grosseiramente desigual, em que a escravidão e o trabalho assalariado coexistem. Neste contexto, os efeitos do desenvolvimento desigual encontra-se no primeiro plano. Embora você também possa encontrar exemplos noutros lugares do sistema-mundo.

NL: Mas pensemos em quão complicada é essa fórmula: ‘o abstrato de relações sociais determinadas’. ‘Abstrato’ transmite um sentido da expressão, representação ou registo, mas noto também que Schwarz usa o termo ‘articulação’, com o significado de falar. Desse modo, ‘relações sociais determinadas’ são *expressas* nas formas. É assim que as formas emergem, por assim dizer. Em inglês, ‘*abstract*’ (a tradução de ‘abstrato’) pode também significar o re-

sumo de um artigo acadêmico, por exemplo, que envolve um certo tipo de codificação. Mas Schwarz diz o abstrato de relações sociais *determinadas*, então eis uma dialética em ação entre o particular e o universal. É deveras uma formulação complicada, e leva-nos ao território da teoria crítica sobre mediação. Você tem que considerar Voloshinov e Bakhtin. Estamos falando sobre Adorno e Franz Jakubowski aqui. Neste sentido, a forma envolve a codificação estruturada de algo. Quando Adorno fala sobre o sofrimento, por exemplo, fala sobre como é codificado. Não se pode ouvir Schoenberg ou ler Beckett e apenas *pensar* em sofrimento, tem que se decodificar, e isto é tremendamente difícil. Com Schwarz, de modo semelhante, não é apenas ‘a literatura’ e ‘a sociedade’, porque a literatura, do seu ponto de vista, é fundamentalmente social. Pense em Antonio Candido e na sua leitura da malandragem em *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida. O argumento de Candido é que, na apresentação da malandragem, há uma codificação da figura do malandro. O leitor sai do artigo de Candido pensando uau, isto é uma análise muito boa da sociedade brasileira num determinado momento. Aquela realidade específica não pode ser comparada, é incomparável! Mas, claro que sim, pode ser comparada. O que Candido mostra é que cada gesto, cada palavra no seu livro está encharcada de história brasileira, e as melhores análises literárias

sempre fazem isso, de uma maneira ou outra. Não é por razões estéticas que as coisas não poderiam ser diferente, é por razões estético-sociais que as coisas não poderiam ser diferentes. Assim, quando Schwarz fala sobre o seu débito para Candido, este é o aspecto que enfatiza, mas também quer ir mais longe que Candido. Com respeito à insistência de Candido sobre o nacional, Schwarz afirma que, para entender o nacional, tem que entender de que forma o nacional é condicionado desde as próprias bases, e como é fustigado num sistema-mundo de estados. Acho que isso é tremendamente interessante no seu trabalho.

TW: Vamos passar de Schwarz para Michael Löwy e para o seu conceito de 'irrealismo crítico'. Löwy usa o termo para descrever obras de arte não realistas que fazem uma crítica poderosa da ordem social. Como funciona a categoria do irrealismo crítico na teoria do WReC?

MN: É uma categoria abrangente. Certamente, tenho vindo a pensar no irrealismo crítico como uma categoria heurística que se permite pensar no que acontece quando o realismo falha como uma estratégia narrativa. É claro, como apontou Fredric Jameson, que o realismo pode ter dificuldades nos momentos de mudança social e ecológica. O que é o termo geral que nos permite pensar nas respostas literárias a essa mudança quando o realismo está falhando? É

aqui que o irrealismo se torna útil. O próximo passo é encontrar o significado do irrealismo em cada contexto específico, ou em relação às tradições literárias específicas. Então podemos falar do realismo mágico, por exemplo, ou de certos tipos de literatura gótica, e haverá uma razão que explique o surgimento do realismo mágico em vez do gótico, ou do gótica em vez do realismo mágico. O irrealismo é um instrumento útil para entender essa dinâmica maior. Na minha opinião, é um bom ponto de partida.

SD: E a ênfase de Löwy na dimensão *crítica* — a medida em que a estética ela mesma pode incorporar uma crítica específica que é política (não solipsista como na crítica do modernismo de Lukács) — tal como a ideia que o irrealismo/realismo/modernismo não sempre se comporte como tipos-ideais, mas que um texto pode operar num espectro que é pontuado por momentos irrealistas — potencialmente a níveis diferentes, como a linguagem e as imagens, dispositivos de enredo ou modos de narração — também nos parecia muito útil.

TW: Mas à medida que o WReC define as características formais do irrealismo como idênticas às características normalmente associadas com o modernismo euro-estadunidense — ‘enredos não-lineares, recursos meta-narratoriais, personagens não arredondadas, narradores não confiáveis, pontos de vista

contraditórios, e assim por diante' (WReC, 2015, p. 51) — num certo sentido o grupo explica a produção literária mundial por meio de um vocabulário estético das classes dominantes?

MN: Bem, o argumento do WReC que o irrealismo está associado às características formais do modernismo euro-estadunidense é um caso clássico de tradição seletiva. De fato, o modernismo deve ser pensado em termos mais amplos que o modernismo euro-estadunidense. O modernismo euro-estadunidense emergiu como um discurso hegemônico que diz: isto ou aquilo conta como modernista. O modernismo euro-estadunidense tem ocupado o lugar do modernismo propriamente dito. Então, acho que a observação sobre o irrealismo e a sua relação com o modernismo euro-estadunidense não está sugerindo que pensemos o irrealismo por meio do prisma do modernismo, mas que repensemos o modernismo por meio dessa categoria muito mais ampla do irrealismo, como uma maneira de expandir a categoria do modernismo. Não é um caso de aplicar o modernismo como um conceito euro-estadunidense à literatura da África Ocidental, por exemplo. É melhor pensar nessa literatura como a literatura modernista, em que o modernismo significa algo completamente diferente ao que convencionalmente tem sido entendido na crítica literária inglesa. Tal está ligado à ideia

de desvincular a modernidade capitalista do 'ocidente'. Novamente, a modernidade capitalista tem sido compreendida como um sistema-mundo desde o princípio. Então, se o modernização designa um conjunto de processos econômicos (a transição ao trabalho assalariado, a comodificação crescente da vida cotidiana, etc.) e a modernidade designa os modos esses processos vivem-se e experimenta-se em locais específicos, então o modernismo pode designar certas formas de reação literária a estes processos. Este modernismo não é necessariamente o modernismo euro-estadunidense, deve antes ser entendido como uma reação aos processos históricos-mundiais, onde quer que ocorram. Desta forma, podemos pensar num modernismo caribenho, por exemplo, ou num modernismo latino-americano, ou num modernismo africano-ocidental. Não como imitadores ou variantes posteriores de um modernismo que começa na Europa Ocidental, mas sim como reações específicas a um processo sistêmico-mundo.

SD: Sim, as inovações e pontuações irrealistas do Caribe ou da África Ocidental ou qualquer variante estética não são derivativas ou imitadoras de nenhuma tradição europeia (não concebemos isto como uma 'dívida'). Ao contrário, elas vão calibrando materiais culturais locais e tradições da situação semi-periférica para novas formas — oralidade, crenças

populares, tradições diferentes da narração, formas residuais da cultura pré-capitalista, e assim por diante — e tudo isto se torna o material da inovação literária, capturando a especificidade e particularidade da situação local e as suas experiências particulares da modernização, periferização, e o desenvolvimento combinado e desigual.

NL: A meu ver, o modernismo deve ser usado para definir um envolvimento com a modernidade. Raymond Williams desenvolve dois argumentos muito importantes sobre o modernismo. Em primeiro lugar, diz que o modernismo assim chamado considera-se — autoconscientemente no caso do Grupo de Bloomsbury, por exemplo — como a literatura da modernidade. Diz: nós somos os mais sofisticados, os mais avançados, somente nós somos modernos. Tomemos por exemplo o debate de Virginia Woolf com Arthur Bennett, que é visto como um escritor regional ou periférico. Ela diz, ‘nós somos os modernos, propiciando o novo é o que fazemos, já não é Thomas Hardy ou HG Wells’. Há uma dinâmica de classe aqui. Autores como Woolf definem-se em termos da vanguarda. O que fazem é definir uma significância para eles mesmos, hegemonizar ao redor do moderno, e acabam por vencer. Este é o ponto essencial que Williams apresenta: eles vencem. O segundo ponto é que esta ideia do modernismo torna-se a norma ins-

titucional e passa a ser ensinada. Williams argumenta que temos de retomar o modernismo do ponto de vista das periferias.

TW: Veja-se, por exemplo, Jorge Amado, que é considerado como uma figura canônica do modernismo brasileiro. É irrealista ou modernista? Qual é a diferença?

MN: O importante, neste caso, não é classificar um texto como *Terras do sem fim* é modernista ou realista ou irrealista, e debater sobre a qual categoria em que melhor se enquadra. A questão é que o texto move-se ao longo de um continuum dialético entre o realismo e o modernismo. A pergunta interessante, então, é: em que ponto, num livro específico ou na obra de um autor, surge o realismo, e em que pontos passa o irrealismo para o primeiro plano? Eu diria que no início de *Terras do sem fim* — que é um dos grandes livros do século vinte, na minha opinião — quando há a penetração inicial da floresta pelos plantadores de cacau e a estabelecimento das plantações, um tipo do irrealismo gótico passa para o primeiro plano. Esse irrealismo inicial está ligada à revolução ecológica, que transforma a floresta, biofisicamente diversa, numa monocultura. Mas há também as qualidades épicas do romance. Essas estão também em primeiro plano nas seções iniciais do romance, quando os barões de cacau estão lutando pela terra. Mas à medida

que avança o romance, torna-se cada vez mais *realista*. À medida que as áreas de cacau se estabilizam e o estado ganha maior controlo, novas formas da dominação burocrática ou impessoal tomam o lugar da dominação personalizada dos plantadores. À medida que o equilíbrio dos poderes na zona de cacau se muda dos plantadores para as casa exportadores, das armas para o primado do direito, nota-se concomitantemente uma mudança de estilo, neste contínuo dialético entre o irrealismo e o realismo.

SD: Sim, esta mudança é encapsulada muito claramente no romance, na visão de Badaró da plantação de cacau como o espaço racionalizado por excelência, com a grade linear da monocultura sobreposta à floresta, erradicando a diversidade cultural e biofísica do ecossistema: “Via na sua frente não mais a mata iluminada pelos raios, cheia de estranhas vozes, enredada de cipós, fechada nas árvores centenárias, habitada de animais ferozes e assombrações. Via o campo cultivado de cacauzeiros, as árvores dos frutos de ouro regularmente plantadas, os cocos maduros, amarelos” (AMADO, 2008, p. 40). Compare isso com o registro mais ecogótico da impressão dos cortadores quando entra na floresta — o momento da ‘fronteirização’ — onde lhes parece que o lugar está vivo com ‘fantasmas’: o boitatá, “o grito desgraçado do lobi-somem, meio homem, meio lobo, de unhas imensas,

desvairado pela maldição da mãe. Sinistro bailado da caapora na sua única perna, com seu único braço, rindo com sua face pela metade” (p. 38). Todas estas figuras representam, nos cortadores, o medo (ecofóbico) de um tipo de vingança da natureza contra desflorestação, mas também são todas figuras do folclore indígena que captura as ansiedades e trauma gerados pela violência socioecológica da ‘fronteirização’ e colonização — o boitatá que protege a selva contra os registadores, o lobisomem do mito guarani sincretizado com o mito europeu, a caapora do mito tupi. Este momento irrealista é completamente formulado em folclore local, cultura oral e idiomas que surgiram ou foram moldados numa forma nova em resposta à violência da modernização e à rasura da cultura anterior e da ecologia sob o novo formato da plantação.

TW: Por acaso, encontra-se algo similar no romance anterior de Amado, *Mar Morto*. Neste texto há a representação realista da pobreza dos marinheiros baianos, o estético modernista que alterna entre pontos de vista e formas narrativas, e um envolvimento com a tradição da tragédia grega. Por isso, a questão aqui parece ser que, para falar da literatura no contexto do desenvolvimento combinado e desigual, precisamos de localizar essas formas incomensuráveis que coexistem e movem-se de um para o outro dentro dum texto literário singular...

MN: Sim, e às vezes um tipo de forma ou estética passa mais para o primeiro plano em relação a outro tipo. Acho que isso é o mais interessante, porque nos afasta das discussões sobre a categorização, que sempre são tão difíceis de arbitrar. A abordagem de Jameson à relação entre o realismo e o modernismo sempre me impressionou, porque ele considera essa relação como fundamentalmente dialética. A missão histórica do realismo, por exemplo, no momento da sua emergência, é desmistificar e subverter os gêneros e ideais herdados, e a descoberta e articulação de novas áreas da experiência social — e desse ponto de vista, o realismo, paradoxalmente, começa a lembrar um tipo de modernismo. Então, com a intensificação das forças da reificação no capitalismo, o realismo torna-se cada vez mais ossificado. É aqui que o modernismo entra em cena. Tomando partido das áreas de experiência tornadas mais autônomas pela desagregação acelerada da realidade social, o modernismo transforma essas áreas em sujeitos por direito próprio, a tal ponto que, por exemplo, a codificação artística das intensidades afetivas da cor se torna um fim estético em si mesmo, dissociado de qualquer sistema de significação mais amplo. No entanto, na medida em que o modernismo, deste modo, registra a reorganização fundamental do mundo e da vida como resultado da modernização, começa, paradoxalmente, a evocar o realismo. Quando você come-

çar a ver o realismo e o modernismo (ou o realismo e o irrealismo) através desta perspectiva dialética, liberta-se dos intermináveis debates sobre se este ou aquele texto é modernista ou não.

TW: Gostaria de concluir falando um pouco sobre a tradução. David Damrosch criticou o WReC por um ‘anglocentrismo linguística’ e por ‘banindo outras línguas do seu livro’ (2016). Como figura a prática da tradução na teoria do WReC?

NL: Bem, há uma série de coisas que podem ser ditas sobre Damrosch. Por um lado, diz que a literatura mundial é literatura que só tem a ganhar ao ser traduzida mas, por outro, diz que não podemos lê-la em tradução porque nesse caso levanta a acusação de que não sabemos as línguas respectivas. Há ali uma contradição objetiva que é perceptível no seu tratamento do livro do WReC. Eu enquadraria a questão da tradução sob o prisma do que diz Schwarz sobre o ‘particular’ e o ‘universal’. Claro, importa que leamos Anna Akhmátova em russo. Qualquer tentativa de encarar os seus textos em relação à sua contribuição para poesia russa teria de trabalhar com poemas russos e materiais críticos russos. Mas, como Schwarz poderia dizer, ela está escrevendo numa certa forma, está usando uma forma lírica ou simbolista, e essa forma não é especificamente russa. A metáfora que eu uso sempre é a de ajustar o foco de uma câmara.

Tomemos o exemplo que Damrosch utilize para nos criticar: *Season of Migration to the North* de Tayeb Salih. Se você quer ver o que Tayeb Salih faz às tradições herdadas da narrativa arábica por meio do modo de narração, claro precisa de saber sobre essas tradições herdadas. Mas se ajusta a lente um pouco, e foca em Tayeb Salih em relação a uma variedade de outros escritores contemporâneos, ou em relação à tradição da escrita arábica do tempo do renascimento arábica de cerca de 1890, o seu 'arquivo' precisará de ser bastante diferente. Dentro do texto em si, claro, há o envolvimento de Tayeb Salih com a literatura inglesa. Então, já aqui, mesmo na perspectiva arábica, tem de fazer perguntas sobre Joseph Conrad e a relação entre Conrad e Tayeb Salih. E então gira a lente ainda mais e descobre que há toda uma série de relações laterais que nos leva para muito além do ponto da partida nos modos narrativos arábicos. Uma pessoa treinada rigorosamente na tradição arábica não terá necessariamente acesso a essas relações, tal como uma pessoa treinada na 'leitura distante' não terá acesso ao material mais definido em detalhe.

SD: Há também várias coisas que eu gostaria dizer sobre este ponto. Primeiramente, como Neil sugere, sempre subscrevemos uma visão que coloca a tradução, não como uma perda ou uma violência sobre o original, mas como um ganho e uma transformação.

Uma das descrições mais fortes do trabalho criativo e crítico da tradução vem no ótimo romance de ideais *Traveller of the Century* de Andrés Neuman. No romance, o protagonista Hans escuta um professor defendendo o que é basicamente a posição de “intraduzibilidade” de Emily Apter — a incomensurabilidade irreduzível das línguas — e o professor argumenta que “cada poema possui uma essência intransmissível, um som distintivo, formas precisas e conotações que são impossíveis de adaptar numa língua diferente com uma perfeição similar”.

Mas Hans, ele próprio um tradutor, pensa, “Este homem... nasceu linguisticamente em solidão”, e continua a refutar, longamente, o argumento do professor a favor da fidelidade: “Temos de tomar como um dado a impossibilidade de reescrever qualquer texto literalmente, nem mesmo uma só palavra. Alguns tradutores estão atentos a esta transformação, vendo-a como uma traição em vez duma variação. Mas, se está bem feito, se o trabalho de interpretação dá o resultado correto, talvez o texto se melhore, ou pelo menos torna-se um poema tão digno como o seu predecessor [...] A meu ver, uma tradução não se compõe de uma voz autoral e uma outra que lhe obedece, mas é mais semelhante a uma combinação de duas vontades literárias”. Hans conclui que, “[u]ma obra não começa e acaba com o seu autor, forma parte de um

grupo mais vasto, um tipo de escritura coletivo que inclui tradutores. A tradução não é nem uma traição nem uma substituição, é mais uma contribuição, um novo impulso a uma coisa que já está em marcha, como quando alguém salta para dentro de um transporte móvel” (2012, p. 331).

Eu sempre pensei que é melhor para os meus estudantes (num departamento anglófono que é reconhecidamente dominado pelo monolinguismo) aprender sobre outras tradições literárias de uma variedade de contextos — ler as traduções inglesas do Árabe, Gikuyu, Chinês, Urdu, Malaio, Húngaro ou Islandês, tanto quanto as traduções do Espanhol, Português, Francês, Italiano, ou Alemão — que jamais se deparar com qualquer literatura desses outros contextos culturais e linguísticos, ou só ler a literatura de apenas algumas línguas românicas em que talvez seja fluente. E é somente através da extraordinária contribuição da tradução como um esforço coletivo que são capazes de escapar, pelo menos parcialmente, à solidão linguística — ou solipsismo — que Hans vê no professor. De fato, quando prosseguem os seus estudos e iniciam o doutoramento, muitos deles sentiram-se inspirados a aprender outras línguas (como Árabe, Chinês e Suaíli) para trabalhar com literaturas não traduzidas. Mas lendo obras traduzidas foi mui-

tas vezes a ‘porta de entrada’ para essas outras literaturas que acendeu o seu interesse e consciência.

Embora existam preocupações reais e legítimas sobre a dominação de certas línguas — particularmente o Inglês — no mercado global literário, e sobre a maneira como a hegemonia comercial e política de certas línguas poderia pôr em perigo ou marginalizar outras línguas, contribuindo para a diminuição da diversidade linguística em todo o planeta —, restringir o ensino ou a pesquisa no campo da literatura mundial só aos textos que se podem ler no original seria enormemente excludente. Eu abordo a leitura em tradução não como uma questão de impossibilidade, mas de necessidade política, sobretudo numa era de crise ecológica e econômica em que a necessidade de conceber formas de solidariedade internacional e ação coletiva é mais urgente que nunca, e em que a literatura e a tradução exercem talvez um (pequeno) papel no engendramento dessas formas de consciência e prática, permitindo-nos ler sobre experiências de muitos contextos. Isto não é aplicar o anglocentrismo ou ratificar a dominância da língua inglesa, mas é pensar sobre a significância de situações homólogas e relações mais vastas em termos políticos.

É necessário conceber o assunto da tradução no ensino e na pesquisa de uma maneira específica. É necessário entender as desigualdades que estrutu-

ram o mercado de editoriais (como a infame estatística que só 3% de todas as publicações da língua inglesa nos Estados Unidos são deveras traduções, e que muitos analistas têm sugerido que é mais como 7% para a poesia e ficção); pensar nas razões por que alguns autores, textos, gêneros ou literaturas de certos contextos nacionais são traduzidos mais que outros; e, no caso da crítica literária nacional e dos estudos de tradução, considerar as transformações que ocorrem no texto literário e como essas 'interpretações' dos tradutores informam nossas leituras. Nesse sentido, eu sugeria que a crítica literária mundial da variedade que o WReC propõe pode e deveria trabalhar conjuntamente com a crítica literária nacional, estudos de área e estudos de tradução, e não em oposição a estes campos acadêmicos. Ou seja, é possível comparar a morfologia das formas e adotar uma abordagem de 'onda', mas ao mesmo tempo pegar no importante trabalho dentro da crítica nacional e linguística e no que este diz sobre formas ou gêneros locais, pegar no que os estudos de tradução dizem sobre as escolhas e diferenças produzidas através do trabalho interpretativo, individual, criativo e artístico dos tradutores; e também pegar nos estudos mais sociológicos sobre as pressões do mercado que estruturam a produção, disseminação e consagração no campo literário. Talvez haja uma oportunidade da

síntese aqui, mas eu diria que isto é uma oportunidade para críticos futuros.

TW: Acho que uma boa resposta a Damrosch é que, de fato, o WReC está fazendo, sim, estudos de tradução, mas, melhor dito, sobre a tradução das formas. O trabalho de Neil e Stephen Shapiro sobre ‘traduzibilidade’ é muito importante a este propósito, pois centram não na tradução das línguas, mas na tradução de paradigmas: sociais, políticos, econômicos, literários, etc....

MN: Sim, ainda é prevalecente a tendência de associar a competência linguística com a competência num certo tipo de crítica específico. O ideal seria que todo o mundo pudesse falar todas essas línguas e ter acesso ao material na língua original. Seja no texto principal seja no trabalho crítico sobre o texto principal, pode haver coisas que escapem se não se tem acesso à língua original. Contudo, para tornar a aprendizagem de idiomas num obstáculo à análise comparativa, ou descartar a leitura comparativa porque não se tem a competência linguística, é incapacitante. Como você disse, não é somente a língua que é traduzida, as formas também. Mais uma vez, com isto não se pretende negar que a competência linguística é importante, porque é essencial e seria maravilhoso fazer trabalhar nas línguas originais. Mas isto não deveria impossibilitar o trabalho comparativa. Porque é

bom pensar Amado em relação a Jacques Romain ou em relação a Lewis Jones ou seja quem for. Há ganhos inegáveis que só se alcançam quando se comparam estes autores em conjunto.

Referências

AMADO, Jorge. Terras do Sem Fim. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1943].

BRENNAN, Timothy. Against Modernism. In Sharae Deckard e Rashmi Varma eds., *Marxism, Postcolonial Theory and the Future of Critique: Critical Engagements with Benita Parry*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2019, pp. 21-36.

DAMROSCH, David. First Responses. *Comparative Literature Studies*, no. 53, 2016, pp. 505-534.

JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism*. Londres e Nova Iorque: Verso, 1995 [1989].

LAZARUS, Neil. Introducing postcolonial studies. In Neil Lazarus ed., *The Cambridge Companion to Postcolonial Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pp. 1-16.

NEUMAN, Andrés. *Traveller of the Century [El viajero del siglo]*. Trad. Nick Caistor e Lorenza Garcia. London: Pushkin Press, 2012 [2009].

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000 [1977].

WARWICK RESEARCH COLLECTIVE (WReC). *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 2015.